

BRILHO, RESISTÊNCIA E MEMÓRIA URBANA: A DRAG QUEEN COMO ÍCONE DO MOVIMENTO LGBTQ+ - ESTUDO DE CASO SOBRE SILVETTY MONTILLA

BRILLIANCE, RESISTANCE, AND URBAN MEMORY: THE DRAG QUEEN AS AN ICON OF THE LGBTQIAPN+ MOVEMENT – A CASE STUDY ON SILVETTY MONTILLA

Everton Viesba¹

Resumo: o presente artigo analisa a trajetória de Silvetty Montilla como um estudo de caso que revela o papel das drag queens na consolidação da cultura urbana LGBTQ+ no Brasil. A pesquisa se configura como uma análise cultural e política da atuação drag na cidade, com ênfase nas implicações estéticas, pedagógicas e sociais de sua presença pública. Adotando abordagem qualitativa com base teórica da Teoria Crítica da Sociedade, o estudo revisita a memória da resistência LGBTQ+ por meio da performance drag como instrumento de denúncia e pedagogia urbana. O texto evidencia que, desde as décadas de 1980 e 1990, figuras como Silvetty Montilla vêm produzindo visibilidade e tensionando normativas de gênero e sexualidade, ao ocuparem boates, teatros e mídias com discursos e estéticas subversivas. Os resultados apontam para a importância das drag queens na construção de espaços simbólicos de afirmação e pertencimento nas cidades, bem como na mediação de ações educativas e políticas públicas em defesa da diversidade. A atuação de Silvetty é reconhecida como expressão viva de uma memória insurgente, que resiste aos apagamentos promovidos pela racionalidade instrumental e pela indústria cultural. A pesquisa conclui que as drag queens exercem um papel pedagógico e político fundamental na formação de subjetividades dissidentes e na produção de narrativas urbanas que reivindicam justiça social, reconhecimento e participação. O estudo propõe que futuras investigações ampliem o diálogo entre cultura drag, educação e epistemologias contra-hegemônicas, inserindo tais práticas nos debates sobre memória cultural, formação crítica e direito à cidade.

Palavras-chave: Cultura Drag; Silvetty Montilla; Memória Urbana; Resistência LGBTQ+.

Abstract: this article analyzes the trajectory of Silvetty Montilla as a case study that reveals the role of drag queens in the consolidation of LGBTQ+ urban culture in Brazil. The research is framed as a cultural and political analysis of drag performance in the city, emphasizing the aesthetic, pedagogical, and social implications of its public presence. Adopting a qualitative approach grounded in Critical Theory of Society, the study revisits the memory of LGBTQ+ resistance through drag performance as a tool of denunciation and urban pedagogy. The text highlights how, since the 1980s and 1990s, figures like Silvetty Montilla have produced visibility and challenged gender and sexuality norms by occupying nightclubs, theaters, and media with subversive discourses and aesthetics. The results indicate the importance of drag queens in building symbolic spaces of affirmation and belonging within urban landscapes, as well as their role in mediating educational actions and public policies in defense of diversity. Silvetty's trajectory is recognized as a living expression of insurgent memory that resists erasure promoted by instrumental rationality and the culture industry. The study concludes that drag queens play a fundamental pedagogical and political role in the formation of dissident subjectivities and in producing urban narratives that call for social justice, recognition, and participation. It suggests that future investigations expand the dialogue between drag culture, education, and counter-hegemonic epistemologies, inserting these practices into broader discussions on cultural memory, critical education, and the right to the city.

Keywords: Drag Culture; Silvetty Montilla; Urban Memory; LGBTQ+ Resistance.

1 INTRODUÇÃO

O movimento LGBTQ+ no Brasil carrega consigo uma trajetória marcada por lutas, conquistas e resistências. Inserido em um contexto social historicamente excludente e heteronormativo, esse movimento articula-se como força política, cultural e social na busca

¹ Doutorando em Educação (PPGE-UNICID), Mestrado em Ciências (PECMA - UNIFESP). Coordenador Adjunto do Observatório de Educação e Sustentabilidade da UNIFESP e Liderança da Rede Internacional Movimentos Docentes.

por reconhecimento, direitos e espaços de expressão. O Brasil, ao mesmo tempo em que apresenta marcos significativos na luta por direitos civis da população LGBTQ+, também é um dos países que mais mata essas pessoas no mundo e o primeiro quando a análise caminha para travestis e transexuais (STF, 2022). Essa contradição revela a necessidade de aprofundar as discussões sobre as formas de resistência e visibilidade que emergem nas margens da sociedade.

As *drag queens*, nesse cenário, tornam-se figuras centrais na construção de uma estética política do dissenso. Mais do que artistas performáticas, essas personagens carregam uma longa história de atuação nos territórios urbanos, nas boates, nas ruas, nos palcos e na televisão, como representantes simbólicas da resistência LGBTQ+ (Maio; Rossi, 2024). Para Benedetti (2005), as *drags* operam no campo da paródia, desconstruindo normas de gênero e subvertendo estéticas normativas por meio do exagero, da performance e da teatralidade. Suas expressões tensionam os padrões e promovem espaços de sociabilidade e afirmação identitária.

A cena *drag* brasileira tem raízes que se entrelaçam com o teatro de revista, com os bailes carnavalescos e com o transformismo europeu, tendo passado por processos de tropicalização que deram origem a expressões culturais profundamente brasileiras. Conforme explica Marcia Tiburi (2018), o corpo é um espaço de insurgência, e o corpo drag é, nesse sentido, um corpo que grita, que interpela e que exige ser visto e reconhecido em sua complexidade estética e política.

A escolha de Silvetty Montilla como foco deste estudo se justifica pela relevância de sua trajetória artística e pela sua presença marcante na cena cultural LGBTQ+ paulistana e nacional. Com seus 38 anos de carreira, Silvetty é uma das mais longevas e respeitadas drags do Brasil. Sua trajetória mistura humor, crítica social, teatro, televisão e ativismo. Conforme afirma Richard Miskolci (2012), figuras públicas LGBTQ+ contribuem significativamente para a construção de representações que desafiam as normatividades sexuais e de gênero, oferecendo ao público uma pluralidade de existências possíveis.

Ao observar a presença de Silvetty Montilla em diferentes espaços da cidade de São Paulo – das boates do centro histórico como República e Anhangabaú aos palcos de teatro como o famoso Gazeta ou o periférico Caritas, e nos programas televisivos como Caldeirão do Huck, TV Fama, Eliana, entre outros – percebe-se sua atuação extrapolar a função de artista e passar a ser, também, agente de memória urbana. Ela é, por si, um arquivo vivo da cultura LGBTQ+, atravessando décadas de transformações sociais, culturais e políticas. Segundo Halbwachs (2006), a memória coletiva é construída em grupo e se ancora em lugares, e as drags tornam-se guardiãs dessas memórias em espaços muitas vezes invisibilizados pela história contada na sociedade.

A presença das drags em contextos urbanos também permite refletir sobre a performatividade do gênero e suas implicações políticas. Para Judith Butler (1990), o gênero

é uma construção performativa, repetida ao longo do tempo e carregada de normatividade. A *drag queen*, nesse sentido, escancara a artificialidade dessa construção, revelando que o que se entende por "masculino" e "feminino" é uma produção social passível de desconstrução. Silvetty Montilla encarna essa performance como crítica e resistência. Ao longo de sua carreira, entreteve e politizou espaços e discursos, provocando reflexões sobre preconceito, identidade, cidadania e afeto. Sua figura é, portanto, paradigmática para se compreender o papel das drags na cena urbana brasileira e na constituição da memória LGBTQ+.

Deste modo, o presente artigo, portanto, se propõe a refletir sobre o papel das *drag queens*, em especial Silvetty Montilla, como ícones culturais e agentes de resistência no contexto urbano. Ao tratar dessa personagem como foco de estudo, buscamos contribuir para uma reflexão mais profunda sobre as interseções entre gênero, arte, memória e cidade. Para além da reflexão, analisar a trajetória de Silvetty Montilla significa iluminar processos de apagamento e resistência vivenciados por artistas LGBTQ+ em contextos de violência simbólica e material. Segundo Lionço (2008), a visibilidade das expressões dissidentes de sexualidade e gênero é uma das estratégias centrais para enfrentar a heteronormatividade e seus dispositivos de exclusão.

Nesse sentido, este estudo compreende que a memória urbana perpassa os monumentos e registros oficiais e incorpora as narrativas que se constroem nas margens, nas noites, nas ruas e palcos. Silvetty representa esse lugar de enunciação potente, onde o corpo, a voz e o brilho tornam-se instrumentos de insurgência e expressão política. Ademais, ao pensarmos nas cidades como espaços vivos de disputas e resistências, é importante considerar as *drag queens* como sujeitos que reconfiguram as territorialidades e desafiam as estruturas sociais vigentes. Conforme observa Lopes (2009), o espaço urbano é também um espaço de corpos, de visibilidades e de performances. Assim, a *drag queen* ressignifica a cidade com seus gestos, seu humor, sua dor e sua alegria.

Ao refletirmos sobre a importância das *drags* para o movimento LGBTQ+, não podemos dissociar essa atuação de sua dimensão pedagógica e cultural. Como destaca Louro (2004) e ressalta Silva e Pinho (2024), a educação para a diversidade passa também pela valorização das experiências de vida que fogem à norma. Nesse contexto, Silvetty, além de artista, pode ser considerada como educadora, comunicadora e símbolo de resistência afetiva e política. Com isso, esta introdução delineia os caminhos que serão percorridos ao longo do artigo, que buscará evidenciar a potência simbólica, política e cultural da figura da *drag queen* como produtora de memória e resistência urbana. Em um país onde a existência LGBTQ+ ainda é, muitas vezes, marcada pela negação e pela violência, contar e recontar essas histórias torna-se um ato de afirmação e de justiça epistêmica.

2 UMA INTERSECÇÃO DE RESISTÊNCIAS - DRAG QUEEN E O MOVIMENTO LGBTQ+

A presença das *drag queens* na história do movimento LGBTQ+ brasileiro remonta aos primeiros movimentos de visibilidade e resistência nos centros urbanos, em especial nas décadas de 1980 e 1990. Em um contexto de repressão militar e moral conservadora, as drags desafiaram a rigidez dos padrões normativos com performances provocativas e discursos de enfrentamento. Todavia, já no período da ditadura militar, havia um grupo teatral muito influente nesta arte, que foi o *Dzi Croquettes*, trazendo elementos *drag* em suas apresentações e despontando como fôlego de resistência de androginia e amor livre (Bragança, 2019).

Num contexto forte de politização global, seus corpos travestidos de exagero e arte atuaram como instrumentos de crítica e de denúncia. Como observa Trevisan (2000), o Brasil vivenciou uma repressão institucionalizada das dissidências sexuais, e, nesse cenário, as figuras mais visíveis e ousadas, como as *drags*, foram alvos prioritários da violência, mas também protagonistas da resistência. Essa trajetória das drag queens brasileiras não pode ser dissociada das estruturas sociais que as cercam. Muitas delas pertencem a grupos sociais marginalizados, atravessadas por questões de raça, classe, gênero e território. A intersecção entre essas opressões cria uma condição de existência marcada pela necessidade constante de resistência e reinvenção. Conforme destaca Crenshaw (1991), as experiências sociais são moldadas por múltiplas e simultâneas formas de discriminação, o que torna as vivências de muitas *drags* particularmente intensas e complexas.

Em diversas cidades brasileiras, as *drags* desempenharam papéis fundamentais na construção de espaços de acolhimento e afirmação. Boates, bares, festas e paradas do orgulho tornaram-se territórios de afirmação identitária e cultural, onde essas artistas criaram vínculos afetivos e políticos com suas comunidades. Segundo Facchini (2008) e Maio e Rossi (2024), essa pluralidade de espaços vão além do lazer; são estratégias de sobrevivência e de afirmação, locais onde corpos dissidentes ganham visibilidade e fortalecem redes de solidariedade. A performance *drag* não se restringe ao palco. Ela é uma forma de existência que transborda para o cotidiano, uma encarnação política que subverte as estruturas do gênero e que exige atenção ao contexto em que se insere. No Brasil, a figura da *drag* é marcada por uma tensão constante entre o fascínio estético e a marginalização social. Por isso, seu impacto no movimento LGBTQ+ vai além da arte: trata-se de uma presença que educa, mobiliza e reivindica direitos.

O corpo *drag*, moldado por maquiagem, figurino, voz e gestos, é também um corpo político que ocupa o espaço urbano com irreverência e coragem. Sua existência desafia as normas e denuncia as violências cotidianas. Como aponta (Bento, 2006; Barbosa; Maio e Martelli, 2024). É preciso reconhecer nas expressões de gênero não hegemônicas um campo

fértil de produção de subjetividades e de crítica social. As *drag queens*, ao performarem suas identidades, inscrevem no espaço urbano novas possibilidades de ser e estar no mundo.

2.1 SILVETTY MONTILLA: TRAJETÓRIA E IMPACTO NA CULTURA URBANA LGBTQ+

Silvetty Montilla é uma figura emblemática na cena cultural LGBTQ+ brasileira, com uma carreira que se estende por quase quatro décadas. Nascida em 10 de julho de 1967, em São Paulo, Silvetty iniciou sua trajetória artística em 1987, apresentando-se nos finais de semana em boates como a *Fábio's* e a *Nostro Mondo* (Felitti, 2014). Esses espaços noturnos foram cruciais para a consolidação da cultura LGBTQ+ na cidade, servindo como palcos para expressões artísticas e resistência social. A *Nostro Mondo*, por exemplo, foi reconhecida como uma das boates pioneiras voltadas para o público LGBTQ+ em São Paulo. Em registros de apresentações de 1995, Silvetty já demonstrava seu carisma e talento, compartilhando o palco com outras artistas transformistas. Sua presença nesses espaços entreteve e fortaleceu a identidade e a coesão da comunidade (Felitti, 2014).

Ao longo dos anos, Silvetty expandiu sua atuação para outras casas noturnas icônicas, como a *Blue Space*. Em novembro de 2018, por exemplo, sua performance na *Blue Space* foi registrada e amplamente divulgada, evidenciando sua contínua relevância e capacidade de atrair públicos diversos. A *Blue Space* tornou-se um dos principais palcos para artistas *drag* em São Paulo, e a presença constante de Silvetty contribuiu significativamente para esse *status* (Ostruca, 2021; Rentes, 2021). A artista também marcou presença em eventos de grande porte, como as diversas edições da Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo, sua participação ativa desde as primeiras edições da Parada reflete seu compromisso com a visibilidade e os direitos da comunidade.

Contudo, a atuação de Silvetty não se restringe aos palcos e eventos. Ela também se destacou em produções audiovisuais, como o filme "Do Lado de Fora" (2014), onde interpretou a personagem Dona Vera. Também atuou na série "*Super Drags*" (2018), produzida pela *Netflix*. Essa participação no cinema e televisão ampliou seu alcance e contribuiu para a representação da cultura *drag* em diferentes mídias. Em 2020, durante a pandemia de COVID-19, Silvetty utilizou suas redes sociais para resgatar e compartilhar memórias da primeira Parada do Orgulho LGBTQ+ realizada no Brasil, em 1996. Essas imagens raras foram destacadas pela revista *Marie Claire*, ressaltando a importância histórica de sua trajetória e seu papel como guardião da memória coletiva da comunidade (Marie Claire, 2020).

A longevidade e a relevância de Silvetty Montilla na cena cultural LGBTQ+ são testemunhos de sua capacidade de adaptação, inovação e compromisso com a arte e a militância. Sua trajetória reflete o desenvolvimento da cultura *drag* no Brasil e as lutas e conquistas da comunidade ao longo das últimas décadas.

3 DRAG QUEENS E MEMÓRIAS URBANAS

A figura da *drag queen*, para além do espetáculo e da estética, carrega um potencial político transformador. Sua presença pública, sua performance exagerada e seu corpo em resistência operam como forma de denúncia contra a heteronormatividade que estrutura as relações sociais e políticas. No Brasil, país marcado por altos índices de violência contra pessoas LGBTQ+, a *drag* surge como um corpo-escudo e um corpo-palco, capaz de tensionar narrativas hegemônicas e propor novas possibilidades de existência (Bento, 2006).

Reconhecendo as cidades como palimpsestos de experiências, histórias e afetos. No caso das populações LGBTQ+, os centros urbanos são, historicamente, ao mesmo tempo refúgios e territórios de exclusão. As *drag queens*, inseridas nesse contexto, tornam-se protagonistas de uma narrativa que articula corpo, memória e território. Seus passos desenham cartografias simbólicas que revelam uma cidade invisível à lógica dominante, mas fundamental para a compreensão da vida urbana em sua complexidade.

Esses corpos, performáticos e politizados, vão além de circular pelos espaços da cidade — eles reconfiguram suas significações. Casas noturnas, bares, teatros, praças, becos e avenidas tornam-se, a partir da presença das *drags*, lugares de expressão e afirmação de identidades dissidentes (Marques e Souza, 2024). Como afirma Lefebvre (1991), o espaço urbano é socialmente produzido, e a performance drag opera como força de transformação que subverte o uso e o sentido dos espaços cotidianos.

A performance *drag* torna-se, assim, um dispositivo de resistência que atua tanto no campo simbólico quanto no material. Quando uma *drag* se apresenta em público, ela invoca uma tradição de enfrentamento, mas também reinscreve sentidos na paisagem urbana. Esses atos não são apenas estéticos; são gestos políticos que desafiam normas sociais, produzem memória e reivindicam pertencimento. Para Ferreira e Juvêncio (2025), a memória social é atravessada por disputas entre lembrança e esquecimento, e as *drags* atuam justamente para impedir o apagamento de suas histórias. No Brasil, as experiências urbanas das *drag queens* estão profundamente ligadas à cultura popular e às dinâmicas periféricas. A figura da *drag* não se restringe aos palcos das grandes casas noturnas centrais, mas circula em circuitos alternativos, festas de bairro, escolas de samba, coletivos culturais e manifestações públicas. Facchini (2008) analisa esses espaços como ambientes de criação de redes de solidariedade e afetividade, essenciais à resistência das dissidências sexuais e de gênero.

Em São Paulo, a trajetória de Silvetty Montilla ilustra de maneira exemplar essa dimensão urbana da memória drag. Ao longo de sua carreira, Silvetty ocupou diferentes zonas da cidade, desde as boates do centro histórico até palcos de teatros tradicionais como o Teatro Itália. Essa trajetória inscreve sua performance no tecido urbano, conferindo sentido político aos espaços por onde transita. Segundo Saidelambe (2020), as práticas culturais produzem sentido aos lugares e redefinem sua relação com os sujeitos. Essa

relação entre *drag queens* e memória urbana não se dá apenas pela presença, mas também pela ausência e pelo luto. Muitos dos espaços ocupados pelas *drags* nas décadas de 1980 e 1990 foram fechados ou descaracterizados, como é o caso da lendária *Nostro Mondo*. Esses desaparecimentos revelam a fragilidade da memória LGBTQ+ na cidade e a importância das figuras vivas como Silvetty, que funcionam como guardiãs dessas histórias e experiências coletivas (Felitti, 2014).

Pode-se entender que as *drag queens* criam memória por meio da oralidade, do espetáculo e do corpo em movimento. Elas resistem ao esquecimento histórico imposto às dissidências sexuais e de gênero e instituem uma outra forma de arquivo: sensível, efêmero, mas profundamente marcante. As festas, encontros em praças e celebrações organizadas por *drags* também operam como rituais de memória e resistência. A “Vieira de Carvalho”, avenida no bairro República em São Paulo, eventos como “*Drag-se*”, “Feirinha LGBTQ+” e outras atividades como nas Viradas Culturais e os *shows* de abertura das Paradas do Orgulho são marcos vivos que reafirmam a importância da presença *drag* no espaço público. Essas ocasiões produzem memória coletiva, atualizam narrativas e fortalecem a identidade comunitária (Facchini, 2008).

Portanto, a cidade LGBTQ+ é uma cidade que fala por meio de suas *drags*. Elas vocalizam memórias silenciadas, encarnam histórias interrompidas, denunciam ausências e celebram presenças. A performance *drag*, nesse contexto, é uma pedagogia urbana, um modo de ensinar a cidade a reconhecer sua própria diversidade e a não esquecer os corpos que a habitam e a constroem. A análise da memória urbana LGBTQ+ a partir da presença das *drag queens* nos convida a repensar o que consideramos como patrimônio, história e visibilidade. Ao destacar figuras como Silvetty Montilla, este trabalho propõe uma ampliação das categorias de análise da memória coletiva urbana, incluindo as vivências e produções culturais de sujeitos historicamente marginalizados, mas fundamentais para a compreensão crítica da cidade contemporânea.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de Silvetty Montilla, analisada sob a ótica da cultura urbana e da resistência LGBTQ+, revela a potência transformadora de corpos que performam, resistem e criam memórias. Como ícone das *drag queens* brasileiras, Silvetty mobiliza um repertório afetivo, político e simbólico que ultrapassa os palcos e se enraíza na história social das cidades, nas lutas por reconhecimento e nas práticas de memória coletiva. Essa presença de figuras nas boates, teatros e programas de televisão representa mais do que visibilidade: constitui uma prática de rememoração crítica e insurgente. Tal presença tensiona os dispositivos de controle social e desafia a semiformação imposta pela indústria cultural, conforme formulado por Adorno (2010), ao promover experiências de subjetivação contrárias ao apagamento da diversidade e à padronização da cultura.

No contexto da formação cultural e política, Silvetty encarna a figura do sujeito crítico, que não se reconhece nas margens, mas transforma essas margens em centro discursivo e poético. O corpo *drag*, performado em espaços urbanos hostis e, ao mesmo tempo, férteis, cumpre uma função dialética essencial: revela o não-dito da cidade, os silêncios impostos à diferença e as fissuras do projeto civilizatório hegemônico. É o que Walter Benjamin (2012) chamaria de lampejos da memória urbana, evocados por imagens e narrativas que escapam à lógica linear do progresso. Esta análise nos permite inferir que a cultura drag consegue resistir às lógicas capitalistas da indústria cultural convertendo o espetáculo em denúncia, o brilho em crítica, e o exagero em tática de sobrevivência.

Nesse sentido, Silvetty Montilla não é apenas uma artista: é uma pedagoga urbana da ruptura, uma arquivista da memória LGBTQ+ que age no campo da cultura como prática política e educativa. Pedagoga no sentido ampliado e freiriano do termo, como alguém que ensina não apenas conteúdos, mas modos de ser, pensar e existir. Silvetty educa pela presença, pela performance, pela crítica embutida no riso, no escracho e na arte (Freire, 2019); Urbana porque sua pedagogia se realiza no espaço da cidade, se insere nas texturas urbanas e que produz memória nos interstícios da vida cotidiana e ao mesmo tempo disruptiva porque rompe com o estabelecido, desorganiza as normas de gênero, questiona a moral dominante e perturba o conforto da normalidade. Tal qual sua trajetória nos lembra que a cidade é um palimpsesto de resistências, onde as *drags* não apenas habitam, mas refundam territórios simbólicos.

Este estudo de caso, para além da análise e reflexão, também permitiu elencar uma série de lacunas e desafios que se impõem. A escassez de registros sistematizados sobre a história das *Drags* no Brasil, o apagamento de figuras periféricas e racializadas dentro do próprio movimento, e o risco de mercantilização da cultura *drag* são pontos que exigem atenção em futuras pesquisas. A resistência urbana travestida de lantejoulas e salto alto precisa ser compreendida para além da estética, enquanto prática de (auto)formação e denúncia cultural, como propõe Adorno (2010) ao tratar da crítica como via de emancipação.

No campo da educação, também se percebe uma timidez em reconhecer as potências pedagógicas das experiências culturais LGBTQ+, sobretudo pela resistência religiosa e conservadora que rege os sistemas políticos. A formação docente precisa ser provocada a dialogar com essas vozes que emergem da rua, dos palcos e das redes sociais, que articulam saberes dissidentes e epistemologias encarnadas. Nesse sentido, a obra coletiva “Nexos entre a Formação Docente e a Cultura Digital” (Ripa; Ventura e Malaggi, 2025) nos oferece pistas para pensar a educação a partir da tensão entre formação e semiformação, entre cultura viva e cultura coisificada. Ao aproximarmos esse referencial da experiência de Silvetty Montilla, percebemos o quanto a *drag* ultrapassa a persona artística e se constitui como um dispositivo de reinvenção do mundo, de produção de novos sentidos para a vida em comum.

A perspectiva de “diva” sobreposta em Silvetty Montilla, portanto, reside menos em sua peruca ou maquiagem, e mais na sua capacidade de narrar histórias silenciadas, de provocar desconfortos fecundos e de fazer da memória uma trincheira contra o esquecimento. Ela é, como diria bell hooks (2013), uma insurgente do cotidiano, uma intelectual orgânica da margem que transforma o entretenimento em política e a arte em denúncia. Encerrar esta reflexão não significa concluir, mas abrir trilhas: que outras Silvettys habitam nossas cidades? Que pedagogias estão sendo encarnadas nas noites, nos palcos e nas redes sociais? Como educadores, pesquisadores e cidadãos, precisamos não apenas reconhecer essas existências, mas aprender com elas – em seus gestos, vozes, corpos e memórias.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. Teoria da Semiformação. *In*: PUCCI, B.; ZUIN, A. Á.S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. **Teoria Crítica e Inconformismo**: novas perspectivas de pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2010.
- BARBOSA, C.; MAIO, E. R.; MARTELLI, A. Reflexões sobre gênero e diversidade sexual na formação de profissionais da psicologia e pedagogia. *In*: MAIO, E. R.; ROSSI, J. P. G. (Org.) **Corpos em Dissidências**: A diferença nas educ(ações) democráticas. Santo André: V&V Editora, 2024.
- BENEDETTI, M. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BENJAMIN, W. **Infância em Berlim por volta de 1900**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. São Paulo: Garamond, 2006.
- BRAGANÇA, L. Fragmentos da babadeira história drag brasileira. **Reciis – Rev Eletrôn Comun Inf Inov Saúde**, v. 13, n. 3, p. 525-539, jul.-set. 2019.
- BUTLER, J. **Gender Trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. New York: Routledge, 1990.
- CRENSHAW, K. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.
- FACCHINI, R. **Sissies e dykes**: dissidência sexual e de gênero no Brasil. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- FELITTI, C. Nostromondo, primeira boate gay do Brasil, fecha as portas após 43 anos. **Folha de S. Paulo**, 09 fev. 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/%20saopaulo/2014/02/1408677-nostromondo-primeira-boate-gay-do-brasil-fecha-as-portas-apos-43-anos.shtml>. Acesso em: 11 abr. 2025.
- FERREIRA, L.; JUVÊNCIO, C. H. O esquecimento e a destruição na construção social da memória. **TransInformação**, Campinas, v. 37, e2510623, 2025.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

hooks, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LEFEBVRE, H. **The Production of Space**. Oxford: Blackwell, 1991.

LIONÇO, T. Sexualidade, saúde e política: visibilidades e vulnerabilidades nas políticas públicas brasileiras. In: PARKER, R., PETCHESKY, R., & SEMBER, R (org.). **Sexualidade, saúde e direitos humanos**. Rio de Janeiro: ABIA, 2008.

LOPES, A. Corpos, sexualidades e espaços urbanos: ensaios de uma geografia mais que humana. **Revista GEOgrafias**, v. 5, n. 2, p. 43-57, 2009.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAIO, E. R.; ROSSI, J. P. G. (Org.) **Corpos em Dissidências**: A diferença nas educ(ações) democráticas. Santo André: V&V Editora, 2024.

MARQUES, M. I. B.; SOUZA, L. C. Enfrentamento às desigualdades de gênero: contribuições de um curso de extensão. In: MAIO, E. R.; ROSSI, J. P. G. (Org.) **Corpos em Dissidências**: A diferença nas educ(ações) democráticas. Santo André: V&V Editora, 2024.

CLAIRE, M. Silvetty Montilla exhibe imagens raras da 1ª Parada do Orgulho LGBTQ do Brasil. **Redação Marie Claire**, 24 jun. 2020. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2020/06/silvetty-montilla-exibe-imagens-raras-da-1-parada-do-orgulho-lgbtq-do-brasil.html>. Acesso em: 11 abr. 2025.

MISKOLCI, R. **O Desejo da Nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de FHC. São Paulo: Annablume, 2012.

OSTRUCAL, D. **Drags brasileiras dando close no YouTube**: tutoriais em (des)montagem. Porto Alegre : Imaginalis, UFRGS, 2021.

RENTES, R. Entrevista com Silvetty Montilla. **Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia**, v. 07, n. 01, p. 107-120, 2021.

RIPA, R.; VENTURA, L.; MALAGGI, V. (Org.) **Nexos entre a Formação Docente e a Cultura Digital**: atualidades da Teoria Crítica da Sociedade. Santo André: V&V Editora, 2025.

SAIDEJAMBE, J. F. A habitação como expressão cultural nas zonas rurais da Província do Niassa – Moçambique. **África (s)**, v.7, n. 14, 2020.

SILVA, J. L. L.; PINHO, S. T. Promoção da inclusão e diversidade na educação: análise das políticas e práticas de gestão pública para atender às necessidades de estudantes com diversidade funcional. **Revista Foco**, v. 17, n. 6, p. e5307, p.01-22, 2024.

STF. Supremo Tribunal Federal. **Direito das pessoas LGBTQIAP+**: Cadernos de Jurisprudência do Supremo Tribunal Federal - concretizando direitos humanos. Brasília: STF/CNJ, 2022.

TIBURI, M. **Ridículo político**: uma investigação sobre o risível, a manipulação da verdade e a construção da realidade. Rio de Janeiro: Record, 2018.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record. 2000.

Recebido em: 11/04/2025

Aceito em: 11/08/2025